

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

JOÃO VICTOR BORRI DE OLIVEIRA

*Pluralizando masculinidades performativas: uma pesquisa com
jovens em cumprimento de medidas socioeducativas*

SÃO CARLOS

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

JOÃO VICTOR BORRI DE OLIVEIRA

**Pluralizando masculinidades performativas: uma pesquisa com jovens em
cumprimento de medidas socioeducativas**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharelado em
Ciências Sociais

Orientadora: Profa. Dra. Luana Motta

SÃO CARLOS

2023

**Pluralizando masculinidades performativas: uma pesquisa com jovens em
cumprimento de medidas socioeducativas**

JOÃO VICTOR BORRI DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharelado em
Ciências Sociais

Orientadora: Profa. Dra. Luana Motta

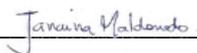
Aprovado em 15 de fevereiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Luana Dias Motta - UFSCar

Orientadora



Janaina Maldonado Guerra da Cunha – Universidade de Hamburgo - Programa

Democratising security in turbulent times

Examinadora

*Para Renata, Valdir e Maria Clara, meus pais e irmã.
Para todos os meninos que foram tão importantes para
construção deste trabalho, e importantes para minha
constante desconstrução, aprendizado e evolução. Para
Bàbá mi Èsù, homem dos meus caminhos.*

AGRADECIMENTOS

Durante minha trajetória nesses cinco anos na Universidade Federal de São Carlos criei grandes laços e colecionei bons momentos com pessoas muito queridas. Escrever esse texto marca um momento de alegria e entusiasmo, bem como um momento de encerramento de um ciclo que se iniciou em 2018. Vivenciar esses anos na universidade foi fundamental para meu amadurecimento e aprendizado.

Agradeço em primeiro lugar a *Bàbá mi Èsù*, essa energia que me toca e transforma todos os dias, me enche de renovação e *asé*. Além disso, agradeço a *Orí mi*, minha divindade pessoal – *Orí mi ô, xê rerê fun mi* (Minha cabeça, faça o bem para mim).

A minha orientadora, Luana Motta, devo grandes agradecimentos. Me ensinou a arte de fazer pesquisa de forma responsável e a lidar com os problemas que aparecem durante esse processo. Lu, você foi como uma divisora de águas na minha vida acadêmica. Transformou o caos em solução. Te agradeço pelos momentos, pelas sugestões, pelas trocas, pelos conselhos e por toda atenção em cada uma das versões dos meus textos. Não posso deixar de agradecer por todos os incentivos, pela coragem e pela fé em meu trabalho. Obrigado toda paciência e empatia nesse processo. Para você Lu, desejo *Àwúre* – boa sorte e felicidades.

Agradeço aos meus colegas de orientação coletiva. Tocar esse barco, dividir inquietações e textos fez esse caminho ser promissor e menos solitário. Obrigado Juliana Alcantara, Luiz Gustavo, Nayara Demari, Carol Hummel, Nicolau Musa e Carol Mariotti. Obrigado por pensarem junto comigo, por cada leitura atenta e por cada sugestão.

Obrigado pela oportunidade e possibilidade de integrar o programa “Às Margens da cidade” e o NaMargem – Núcleo de Estudos Urbanos (UFSCar). Sem dúvidas, as trocas realizadas nesses espaços foram decisivas em meus textos e reflexões.

Aos amigos que a UFSCar e a vida me proporcionaram. Luiza, obrigado por cada conselho quando tudo parecia ser caos, obrigado por cada riso e por cada rolê. João Pedro, obrigado por confiar em mim, por sempre me fazer sorrir e por ser tão incrível comigo. Nívea, obrigado por cada crise de riso e por cada palavra de conforto durante esse processo. Larissa, obrigado por ser minha companhia diária durante as idas e vindas por

São Carlos, obrigado por cada – “Vem aqui em casa pra gente ficar conversando, eu e você, você e eu”. Marina, te agradeço por me integrar quando cheguei na UFSCar, obrigado por cada ida até o Departamento de Letras para pegar um café, obrigado por todas as cervejas e boas trocas. Julia Valentie, obrigado por me oferecer amor, caronas e me “centrar” antes das longas provas da graduação. Anna Julia, obrigado por cada companhia e conselho, obrigado por cada história que temos juntos. Palavras não conseguem exprimir o quanto sou grato a cada um de vocês.

Agradeço aos meus pais que depositaram em mim coragem, amor, afeto e cuidado durante esses anos todos. Que *Òrìṣà* seja sempre vivo em nossa família, fortalecendo nosso laço e nossa união. Vocês são minhas fontes diárias de inspiração, luta, coragem e ancestralidade.

Agradeço a minha irmã, Maria Clara, que em meio ao isolamento social, foi minha companheira diária, me tirando um pouco do ambiente virtual e me (re)ensinando a ser criança novamente. Você é minha luz, Clara.

Agradeço aos grandes professores que me ensinaram, e muito para além disso, me fizeram ser mais do que sociólogo, me fizeram ser humano e empático. Muito obrigado: Aline Pires, Gabriel Feltran, Gabriel Casalecchi, Luci Oliveira, Vera Cepeda, Joelson Carvalho, Jacob Lima e Rodrigo Martins.

Agradeço aos colegas que fiz no PET Usina de Reflexão, além de me acolherem ao grupo, me ensinaram demais. Obrigado às tutoras Fernanda Castelano e Luana Motta. Obrigado às petianas: Alice Agnes, Luana Elias, Suzana Santana, Nicolay Ceschin, Renata, Talissa e Bruna Soares.

Obrigado às bolsas que tanto me foram boas durante minha graduação: ao CNPq, ao FNDE/MEC e a PROEx.

Agradeço aos profissionais do Salesianos, que foram tão solícitos quando fui realizar trabalho de campo. Um agradecimento especial aos queridos Roberta, Luciano e Manuela que me ajudaram, apoiaram e auxiliaram em tudo que eu precisei.

Agradeço a Janaina Maldonado por ter topado participar de minha banca e ler meu trabalho e fornecer suas contribuições.

Agradeço finalmente, de forma especial, aos jovens que me permitiram os conhecer e realizar grandes trocas. Vocês foram fundamentais para o que se segue neste texto.

RESUMO

Este trabalho se insere na interface de grandes debates sociológicos contemporâneos: juventudes, masculinidade e mundo do crime. Visando explorar o que intitulei de masculinidades performativas de jovens que estão cumprindo medida socioeducativa por envolvimento com o crime, problematizo dimensões bem específicas de cada um desses debates. A partir de um estudo etnográfico que se concentrou na observação participante das atividades rotineiras dos jovens que estavam em cumprimento de medida socioeducativa no Salesianos, que é a instituição que articula e promove as medidas em meio aberto na cidade de São Carlos – SP; organizei uma tipologia com quatro tipos de masculinidades performativas ligadas a signos de: I) humildade e proceder, II) bravatas e contar vantagem, III) família, responsabilidade e gratidão e IV) violência, virilidade e orgulho.

Palavras-chave: mundo do crime; masculinidades performativas; juventudes; medidas socioeducativas.

ABSTRACT

This work is situated at the interface of major contemporary sociological debates: youth, masculinity, and the world of crime. Aiming to explore what I have referred to as performative masculinities among young individuals undergoing socio-educational measures due to involvement in crime, I problematize specific dimensions of each of these debates. Starting from an ethnographic study focused on participant observation of the routine activities of young individuals who were undergoing socio-educational measures at Salesianos, which is the institution that coordinates and promotes open-ended measures in the city of São Carlos – SP, I have organized a typology consisting of four types of performative masculinities related to signs of: I) humility and conduct, II) bravatas and bragging, III) family, responsibility, and gratitude and IV) violence, virility, and pride.

Keywords: world of crime. performative masculinities; youth; socio-educational measures.



Introdução

I. Apresentação

Em “Janela da Alma”, José Saramago nos conta que gostava muito de ir à ópera no Teatro de Lisboa em Portugal. Conta-nos que ia para a parte de cima, um lugar chamado de “galinheiro”, lugar este não muito privilegiado para assistir aos espetáculos. De qualquer forma, de onde estava, Saramago via uma “coroa” no lugar em que ficava o camarote real – o lugar do mais alto escalão. Essa coroa, quando vista dos outros camarotes e da plateia, era magnífica. Do galinheiro, a coroa não era nada bela: era oca, havia pó, desgastes e tinha muitas teias de aranha. Saramago nos diz que essa foi uma lição que nunca esqueceu: “Para conhecer as coisas, há que dar-lhes a volta. Dar-lhes a volta toda”.

Este trabalho é fruto do movimento de “dar a volta toda”. Quando comecei a escrever o projeto que deu origem a esse texto de monografia, propus uma interface tripla entre os debates sobre juventude, mundo do crime e masculinidade. Naturalmente as questões ainda eram muito nebulosas e eu ainda operava com uma idéia rígida e engessada de “masculinidade hegemônica”. Muito pelo contrário do que imaginava, o trabalho de campo me apresentou uma gama de possibilidades e sentidos para entender as dinâmicas das múltiplas masculinidades existentes. Foi a partir delas que construí este trabalho. Aqui, apresento o que chamei de masculinidades performativas de jovens que estão cumprindo medidas socioeducativas em meio aberto. Inspirado em Couto Junior e Brito (2018), acredito que pensar as masculinidades pela teoria da performatividade de gênero nos dá a oportunidade de conhecer diversos sentidos e significados atribuídos ao masculino. Butler (2019) diz que performatividade de gênero é a repetição de atos, enunciações linguísticas, gestos e movimentos inscritos nos corpos dos sujeitos. Para Silva Junior (2019) as masculinidades são “construídas e reconstruídas – em outras palavras performatizadas (performáticas) – não podendo ser tomadas como realidades imutáveis e objetivas, estando sempre de acordo com a história e com a cultura [...]” (SILVA JUNIOR, 2019, p.06). Ora, nesse sentido as masculinidades performativas nos permitem problematizar normas regulatórias de gênero, que privilegiam determinadas formas de materialização (JUNIOR; BRITO, 2018) de corpos de jovens na monografia em questão. Outros trabalhos (GAMA, 2016; SILVA JÚNIOR; BRITO, 2018), também se dedicaram em dar mais sistematização a ideia de valer-se da teoria da performatividade de gênero para entender as especificidades das masculinidades.

Em vista disso, durante o ano de 2022 desenvolvi a pesquisa que deu origem a essa monografia. Meu ponto de partida é uma instituição que administra medidas socioeducativas na cidade de São Carlos: o Salesianos. Partindo de uma perspectiva etnográfica, durante oito meses realizei encontros semanais no Salesianos. Com recurso da observação participante, durante às terças-feiras e/ou quintas-feiras tive contato com doze jovens que estavam cumprindo medidas em meio aberto, nas qualidades de LA (liberdade assistida) e PSC (prestação de serviços à comunidade). Com base nessa pesquisa, desenvolvi uma tipologia que abarcasse algumas das masculinidades performativas destes jovens. Essa tipologia traz, a partir de falas, gestos e atos de meus interlocutores, alguns dos significados dessas masculinidades performativas. A primeira masculinidade performativa apresentada, é ligada a ideais de respeito, independência e “correr pelo certo”, características fortemente ligadas ao que Lyra (2013a, 2013b) categorizou como sujeito-homem. A segunda masculinidade performativa é a eminente da bravata utilizada para contar os acontecimentos cotidianos, como seus feitos e conquistas, principalmente no que toca mulheres e sexo. A terceira masculinidade performativa se refere a noções de proteção, cuidado e promoção a pessoas da família, em geral, mulheres. Por fim, a última masculinidade performativa gravita em torno de signos de violência, virilidade e orgulho, muito similar, ao estudo de Alba Zaluar (2000) que aponta para um *ethos guerreiro* e uma “masculinidade exibicionista”. Assim, Belusso (2021) aponta que, as discussões de juventudes, gênero e crime já são bastante avançadas na Sociologia Brasileira, entretanto, são poucas as contribuições que articulam esses temas. Inicialmente me parecia um desafio unir essas três temáticas. Aos poucos, e em meio a muitas “cabeçadas” e desvios de rota, fui tentando juntar os assuntos, e resultado primeiro desse esforço foi o projeto que dá origem a esse texto de monografia.

“Desejo ver os meus jovens correr e pular alegremente no recreio”

Dom Bosco

Em 1949, o Salesianos teve início em São Carlos, prestando atendimento como uma instituição de acolhimento para crianças e adolescentes até o ano de 1978. Em 1992, se iniciaram as atividades de contraturno escolar, também para crianças e adolescentes.

Neste momento também começaram as ofertas de cursos profissionalizantes. Em 1999, o programa de medidas socioeducativas surge em São Carlos a partir de uma articulação entre o diretor do Salesianos (na época) Padre Agnaldo Lima e o juiz da Vara da Infância e da Adolescência, João Galhardo (SCHLITTLER, 2011). Essas figuras conseguiram um contrato com a Fundação Casa para que as medidas fossem aplicadas pelo Salesianos. Esse contrato possibilitou a contratação direta de orientadores que operariam as medidas socioeducativas e as propostas pedagógicas que iriam norteá-las (ZANCHIN, 2010).

Como missão o Salesianos demarca educar jovens através do sistema preventivo de educação, fomentando o exercício da cidadania bem como a incorporação de valores éticos e solidários. Atualmente são vários os serviços que o Salesianos oferece à comunidade da cidade de São Carlos. Por exemplo, o PROVIN, atende crianças e adolescentes entre 06 e 14 anos em horário oposto a escola, oferecendo atividades culturais, educacionais, reflexivas, recreativas e formativas. Já o Centro Profissional Dom Bosco, oferece cursos profissionalizantes de marcenaria, confeitaria e informática. Além disso, são oferecidas aulas de futebol e treinamentos divididos por faixa etária (ZANCHIN, 2010). Com relação ao Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, os jovens enviados ao Salesianos possuem um orientador específico, que o atende, escuta e aconselha. Além disso, o orientador é a pessoa de referência que também fornece relatórios ao juiz da Vara da Infância e da Juventude do município, comunicando os “progressos” do adolescente (SCHLITTLER, 2011).

II. Aportes bibliográficos e construção do objeto de pesquisa

Se valer da juventude sugere-nos compreender as complexidades e singularidades que marcam esse grupo social, tomando-os sobretudo como sujeitos sociais ativos nas dinâmicas em sociedade. Existe um amplo debate na sociologia da juventude que aponta que há diferentes maneiras de “ser jovem” e que estas maneiras estão relacionadas à heterogeneidade econômica, social e cultural e a marcadores sociais da diferença, que fazem com que as identidades transitem, tendo em vista as possibilidades e códigos culturais diferenciados (CORROCHANO; SOUZA; ABRAMO, 2019; DAYREEL, 2007; GROPPPO, 2016; MARGULIS; URRESTI, 1996; MEDAN, 2014; PAIS, 1990). Nessa perspectiva, a definição de juventude não pode ser exclusivamente biológica, mas deve ser entendida como construída cultural, social e politicamente (ABRAMO, 1997;

PERALVA, 1997). Ou seja, a juventude é uma categoria social . A expressão “juventudes” no plural, passou então a ser empregada como forma de enfatizar que é preciso ter em mente que indivíduos jovens, na verdade, têm experiências, plurais, desiguais e multifacetadas (NOVAES, 2006). Nessa esteira, compreender a dimensão plural, implica compreender nuances presentes nas experiências das diversas juventudes. Este trabalho converge com esta perspectiva ao buscar explorar as experiências juvenis de jovens em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto – Prestação de Serviços à Comunidade (PSC) e Liberdade Assistida (LA).

No que tange aos debates sobre gênero e sexualidade, o foco estará nos estudos e discussões sobre masculinidades. Os estudos de gênero e sexualidade ganham uma nova roupagem com o trabalho de Judith Butler (2003), desenvolvido a partir das teorias pós-estruturalistas. Um aspecto muito importante da teoria de Butler (2003) é a crítica acerca da distinção entre sexo e gênero. As primeiras interpretações acerca do gênero, o colocavam como algo construído socialmente, ao passo que o sexo seria uma dimensão natural e cromossômica. O argumento de Butler (2003) é que gênero não deve ser postulado e restringido à inserção cultural de significados ao sexo. Logo, o gênero marca o próprio aparato pelo qual se produzem os sexos, ou seja, sexo não é um dado objetivo provindo da natureza e não deve ser abrangido como uma manifestação biológica ou uma pulsão natural do corpo (PRECIADO, 2014). Desta perspectiva, não devemos entender o conceito de gênero como um modelo rígido e estável de identidade (BELUSSO, 2021). Diferente disso, a identidade de gênero, argumenta Butler, se faz ao longo do tempo, por meio de repetições de atos. Esses atos devem ser compreendidos como performances compartilhadas entre os sujeitos, ou seja, uma “ação coletiva” (BUTLER, 2019). É nesse sentido que o gênero começa a ser entendido enquanto uma atividade performada de caráter incessante, uma vez que estão presentes e são repetidos durante toda a vida dos sujeitos.

E é nesse sentido “performático” que emerge a noção central para este trabalho: as masculinidades. Ora, se gênero começa a ser entendido como uma atividade performada, o que as pessoas performam? O que os jovens que cumprem medidas socioeducativas performam? Por exemplo, o controle de emoções na construção das masculinidades, sobretudo com os mais jovens, visa elaborar um homem resistente, cheio de sucessos, viril, dominante e ativo. Isso porque, mesmo antes de nascer e durante toda sua vida, os homens jovens e adultos tem seu corpo vigiado e controlado, passando por um processo que é:

marcado por incursões arbitrárias e violentas. Tem que ter pau grande, tem que ser musculoso, tem que ter dinheiro, tem que ter status social, tem que ser forte, tem que ser isso ou tem que ser aquilo... É um devir entre a hegemonia e a precariedade. Ser homem[...] é ter um universo de possibilidades e se enquadrar apenas em uma unidade fixa e estável [...]. (SANTOS, 2013, p. 159)

Nesse sentido, se faz evidente que desde crianças, noções tradicionais são introjetadas no ser humano: o rosa de menina, o azul de menino, como eternizou uma ex-ministra de Direitos Humanos do Brasil; meninas devem ser delicadas, meninos devem ser fortes; mulheres devem preservar sua imagem sendo recatadas e caseiras e os homens devem ser aventureiros, garanhões e além disso, devem demonstrar sua masculinidade. Segundo Medrado e Lyra (2022) as masculinidades passaram a ser objeto de pesquisa de forma sistemática no Brasil apenas no fim dos anos 1990. Assim, da ideia de masculinidade hegemônica escrita por R. Connel¹ em 1985 às contribuições mais contemporâneas pensando *transmasculinidades*, masculinidades pretas e masculinidades tóxicas, o campo de estudos sobre masculinidades cresceu muito e começou abranger marcadores sociais da diferença nas análises. Para este trabalho, interessa-me refletir sobre tipos de masculinidades performativas de meninos moradores de periferias urbanas, negros e envolvidos em atividades criminais.

Por fim, o último campo de estudos que compõe a construção do objeto desta monografia são as discussões sobre mundo do crime. A noção de “mundo do crime” (FELTRAN, 2008a, 2008b) vem sendo muito discutida ao longo da última década (AQUINO; HIRATA, 2018; BIONDI, 2009; HIRATA; GRILLO, 2019). Um dos principais deslocamentos produzidos por estes trabalhos foi a proposição de compreender as atividades e dinâmicas criminais em sua positividade, ou seja, pensando o que o crime produz em relação às dinâmicas sociais, às moralidades, às transações econômicas e à regulação de condutas. A noção de “mundo do crime” procura dar conta dos códigos morais e éticos que são articulados em torno de um regime normativo, o que Feltran (2008a) chamou de regime criminal. Nesse sentido, o “mundo do crime” é entendido como “o conjunto de códigos sociais, sociabilidades, relações objetivas e discursivas que se estabelecem, prioritariamente no âmbito local, em torno dos negócios ilícitos do narcotráfico, dos roubos, assaltos e furtos” (FELTRAN, 2008a, p. 31). Nessa acepção, o termo “crime”, não pode ser reduzido a ações passíveis de serem enquadradas em tipos penais, ao contrário, é importante olhar para as relações sociais que ele produz e atravessa.

¹ Ver mais em: CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 1, p. 241–282, jan. 2013.

Para aqueles engajados em atividades criminais, é preciso saber lidar com códigos éticos e condutas específicas esperadas ou demandadas (BIONDI; MARQUES, 2010; DIAS, 2010; HIRATA; GRILLO, 2019). Assim, “ser do crime” não se relaciona apenas ao fato de praticar atos ilícitos, mas é, sobretudo, saber dialogar com os elementos que conferem o “proceder” (MARQUES, 2009) no mundo do crime.

Assim como Belusso (2021) acredito na ideia de que esses três campos de estudos – juventudes, mundo do crime, masculinidades - possuem dinâmicas próprias, e quando analisados em conjunto estabelecem uma “relação” (BELUSSO, 2021, p.19). As masculinidades performativas de jovens que estão cumprindo medidas socioeducativas dialogam diretamente com cada um dos debates sociológicos explicitados aqui. O objeto dessa pesquisa é uma relação conjunta, que não pode ser “lido” sozinho. Nesse sentido, com o objetivo de investigar em que medida as masculinidades performadas por jovens em cumprimento de medida socioeducativa na cidade de São Carlos (SP) se relaciona com elementos do mundo do crime, pude desenvolver a tipologia proposta na apresentação desse texto.

III. Caminho metodológico: estranhamentos, sensações, sentimentos e desafios de uma pesquisa etnográfica

Era 28 de abril de 2022, uma quinta-feira de calor, muito sol e um céu muito bonito – dia típico de calor são-carlense. Era meu primeiro dia de trabalho de campo, finalmente. Eu estava super ansioso. Não consegui ir ao Salesianos anteriormente, pois estava fazendo minha última matéria, cujas aulas eram todas as quintas-feiras das 15h até as 18h. Luana, minha orientadora já vinha realizando visitas ao Salesianos e ficou combinado que ela me acompanharia nas primeiras incursões, para ir me ambientando. Particularmente, o fato de eu ter Luana por perto nesse primeiro momento me tranquilizou muito, já que estava com medo de como lidar com as pessoas dali – tanto com os jovens em cumprimento de medidas socioeducativas quanto com as pessoas que trabalhavam lá. Várias coisas passavam pela minha cabeça, e eu não sabia como lidar com isso, e muito menos sabia o que iria encontrar lá no Salesianos.

Luana me ofereceu carona, e eu aceitei. Me arrumei, lavei o cabelo e fiquei pronto: coloquei uma calça marrom, sapato preto no pé e uma camiseta preta. Pensei em ir com

cores simples para não chamar atenção. Uma de minhas maiores preocupações e inquietações, residia na minha forma de falar, me expressar, interagir e dialogar. Como homem, gay, afeminado, estava com medo de ser a “chacota” do grupo dos meninos – cenas de bullying que vivi em longas décadas no colégio começaram a perseguir minha mente. Mais tarde, semanas depois de começar as incursões, percebi que eu deveria ser “eu mesmo” e me permitir sentir o que fosse conveniente no momento, já que as imersões em campo nos trazem a possibilidade do aparecimento dos sentimentos (GOMES; MENEZES, 2008) - “os hóspedes não convidados da situação etnográfica” (DA MATTA, 1978, p. 30).

Descemos do carro e Luana me explicava como as medidas socioeducativas em meio aberto eram aplicadas aqui na cidade de São Carlos. Começamos a andar por uma espécie de gramado muito bonito com estátuas, flores e fontes em meio a grama e ao concreto. Do meu lado esquerdo havia uma quadra de esportes muito grande com várias crianças brincando; do meu lado direito havia diversas salas que pareciam formar um grande corredor com divisórias – mais tarde descobri que lá ficavam a sala de jogos, os banheiros e o refeitório. Continuamos andando em frente, entramos numa pequena porta que dava para três locais: uma escada, um escritório e uma sala de informática. Subimos as escadas que nos levavam para uma espécie de “hall” de entrada que nos conduziria para uma grande sala. Neste “hall”, havia um armário cinza e diversas artes: pinturas em papel *anson*, caixas decoradas com guache e adereços brilhantes, pinturas em telas, filtro dos sonhos e toalhas de pano decoradas com pinturas à mão. Luana me explicou que eram os trabalhos que os meninos desenvolvem durante as aulas de artes e neste momento me senti reconfortado de alguma forma. Talvez seja por conta do nível de afeto que aqueles trabalhos me transmitiram. Para mim, de alguma forma, tudo aquilo era parte de uma história.

Ao entrar na grande sala, me deparei com diversas pessoas que ali trabalhavam, e em sua maioria eram mulheres. Luana me apresentou para todos como seu orientando, que agora, junto dela, acompanharia as atividades. Todas as pessoas me cumprimentaram e pareceram muito receptivas, exceto uma delas, que me cumprimentou de uma forma bem “seca”. Ao fim desse dia, comentando minhas percepções iniciais com minha orientadora, ela me explicou que esse era realmente o jeito dessa pessoa, e que nas primeiras vezes que ela (orientadora) foi até o Salesianos teve as mesmas inseguranças.

A partir de então, iniciei minhas idas semanais. Essa etnografia se concentrou na observação participante das atividades rotineiras dos meninos que estavam em

cumprimento de medida socioeducativas, no Salesianos. Reforço que a faceta da observação participante, nos encaminha para uma experiência da proximidade (GEERTZ, 2009) onde o investigador (eu) se assume como um dos instrumentos do fazer etnográfico. Os momentos e situações que participei e vivenciei em oito meses de trabalho de campo, me proporcionaram momentos ricos e detalhados. Estive não só no Salesianos como também em outros lugares: escolas de ensino médio e centro de esportes (para realizar divulgações de trabalhos que os meninos produziram), museu e exposições (participando de atividades culturais que eram oferecidas aos meninos, como a exposição “Fósseis no Interior de São Paulo” no “Museu da Ciência prof. Mário Tolentino”). De qualquer forma, o fato do João Victor ter sido aceito minimamente na rotina do Salesianos me permitiu compartilhar a melodia do *anthropological blues* (DA MATTA, 1978). A saudade fica e ao escrever esse texto, é como se eu estivesse vivendo todos esses meses novamente. Assim, seguindo os passos de Gama (2016), acredito que meu trabalho não acaba aqui, o que acaba é a graduação em ciências sociais.

Assim, duas pessoas foram fundamentais no meu processo de entrada em campo: Roberta e Luciano², ambos orientadores de medidas socioeducativas. Luciano era um homem alto, aparentando ter 1.89m, 90 quilos, olhos pretos, barba com cavanhaque e pouco cabelo. Roberta tinha mais ou menos 1.56m, cabelo liso com mechas loiras, usava óculos e tinha olhos castanhos. Frequentei o Salesianos todas as semanas para entender a rotina, as dinâmicas e a lógica das pessoas que ali estavam. Participei das aulas de artes, onde vi os meninos fazendo *zines*, desenhos em tela e colagens; acompanhei de forma completa a PSC (Prestação de Serviços à Comunidade) sobre “Direito à cidade”, onde os meninos produziram uma espécie de banner com os três melhores campinhos de futebol espalhados pela cidade de São Carlos - SP. Nesse banner, havia fotos dos campinhos selecionados e de seus “estados”: qual era o melhor, qual tinha bebedouro, o estado do gramado e a oferta de banheiros. Além disso, participei da academia, dos grupos de jogos, dos lanches e de alguns ensaios musicais. Concomitante a isso, participei de conversas e discussões informais com os orientadores de medidas que versaram sobre diversos assuntos relacionados aos jovens atendidos e ao programa de medidas socioeducativas.

Mesmo retraído em alguns momentos, tentei conversar e construir uma aproximação com os jovens que frequentavam o Salesianos no mesmo dia que eu. Além disso, seguindo os passos de Schlittler (2011), percebi que conversar com os orientadores

² Todos os nomes desse texto são fictícios.

de medidas socioeducativas era promissor no sentido de entender a história dos meninos, suas trajetórias e histórias familiares. Os orientadores de medidas socioeducativas, durante o cumprimento da medida, ficam em contato com toda a rede que circunscreve o cotidiano dos adolescentes: a família, a escola, os assistentes sociais do bairro, juízes, etc e outras pessoas. Tentei ser ao máximo uma pessoa *suave* (nos termos dos jovens), que passasse certa tranquilidade para os meninos, afinal, eu queria conversar, perguntar e *trocar uma ideia*. Um dos meninos que se chamava Carlos Eduardo, era branco, e tinha mais ou menos 1.56m de altura, estava no segundo ano do ensino médio, tinha olhos castanhos, cabelo liso e bochechas proeminentes, tinha atitudes bem infantilizadas, era super brincalhão e cheio de reflexões e perguntas. Durante uma das atividades que participei, enquanto eu ajudava os jovens a procurarem recortes em revistas, Carlos Eduardo conversava comigo:

Carlos Eduardo: [...] ow João, esses dias eu acho que vi você lá no ponto de ônibus do mercadão, tá ligado... ali na frente do pastel da Amélia.

Eu: Sei sim, ali perto do banco Bradesco. Mas acho que não era eu não Carlinhos. Faz muito tempo que não passo lá por perto.

Carlos Eduardo: Mas nossa parecia muito você, cabelo bem preto, enroladinho, meio gordinho [...] Eu até gritei “eai jão” mas você nem olhou pro lado. Aí eu deixei quieto.

Eu: Mas não era eu não, acho que devia ser outra pessoa parecida comigo.

Carlos Eduardo: Mas se fosse eu você teria respondido, né?

Eu: Claro que sim né Carlos, tô aqui toda semana, a gente conversa, troca ideia de boa, porque não te responderia?

Carlos Eduardo: Verdade né...

(Trecho do Diário de campo)

A fala de Carlos Eduardo, “mas você nem olhou pro lado” se referia a uma característica nada apreciada pelos meninos: ser “desumilde”, que se expressa em atitudes como não cumprimentar, desqualificar o outro e coisas do tipo. Ele insistiu que era eu quem ele havia visto, mesmo eu tendo negado numa primeira vez, que não era possível que fosse eu. Perguntar a Carlos Eduardo “porque não te responderia?” foi decisivo para a interação, pois nesse exercício dialógico ele se deu conta de que havia uma relação de respeito e consideração ali. Além disso, com o passar das idas semanais fui percebendo que eu não

era a “chacota” como temia, por conta de minha orientação sexual e de meu jeito afeminado. No início os meninos, eram bem quietos, depois de me verem sempre, começaram a ser mais maleáveis, simpáticos, conversavam, contavam suas histórias, e até mesmo me pediam “conselhos”. Percebi que desnaturar e romper barreiras era natural e aos poucos o “gelo foi quebrando”, as conversas começaram a ser mais longas e consistentes.

Este trabalho se organiza em quatro seções. A primeira é esta introdução, onde apresentei o objeto da pesquisa, a conformação do quadro teórico que a orienta e as condições de possibilidade da pesquisa. Na segunda seção discuto a noção de masculinidades performativas no plural e aponto sua rentabilidade para pensar as experiências de jovens que estão cumprindo medida socioeducativa. Na terceira seção me dedico a apresentar e desenvolver, a partir do meu material etnográfico, os quatro tipos de masculinidades performativas que pude decantar das experiências de meus interlocutores. Analiso cada uma delas, colocando em diálogo a bibliografia temática e as cenas, situações e materiais. A quarta e última seção apresenta e discute o que considero o “achado” principal da pesquisa: a multiplicidade de masculinidades performativas. Além disso, mostro que as imagens homogeneizadas desses jovens como homens violentos e perigosos produzem como efeito a maior exposição desses indivíduos à violência letal policial, bem como a legitimação social disso.

Parte I

***“Ô baixinho, vem jogar sinuca”*: As MasculinidadeS PerformativaS**

Nunca vi rastro de cobra
Nem couro de lobisomem
Se correr o bicho pega
Se ficar o bicho come
Porque eu sou é home
Porque eu sou é home
Menino eu sou é home

(Homem com H, Antônio de Barros – 1970)

Expressões do tipo “homem não chora”, “sou homem com H”³, “isso é coisa de menina”, “resolva as coisas como um homem”, “vira homem”, e “isso é coisa de veado”, dentre outras, compõem um conjunto de noções masculinizadas que, de certo modo, são trazidas na música de Antônio Barros que abre esta seção. Na voz de um cantor gay, numa época de “caça às bruxas” e repressões de sexualidade, a música “estourou” (NASCIMENTO, 2018). Essa música lança luz sobre um modelo de masculinidade, onde o homem tem autoridade e é livre, além disso, ele não chora e não exprime seus sentimentos. Em certo ponto é um “provedor”, o típico homem heterossexual e “cabra macho” (NASCIMENTO, 2018). Essa figura masculinizada reflete predicados hegemônicos que um homem deveria ter, e “ser macho associa-se à virilidade, potência sexual, valentia, honra e responsabilidade” (LEÓN, 2011, p.54). Como corrobora Nascimento (2018) essa música nos convida a refletir as diversas formas de masculinidade presentes na sociedade que produzem estereótipos que acabam por caracterizar e (pré)dizer as pessoas e a forma como elas vivem.

Cresto e Santos (2017) nos convidam a refletir sobre as masculinidades como algo não natural, como supostamente se mostram. Ao contrário, são construídas e moldadas pelas materialidades, sentimentos e ações. Ou seja, existe uma multiplicidade e uma variedade de masculinidades (BAIRD, 2018) e essas identidades são multifacetadas e mutantes situacionalmente (BUTLER, 2003), ou seja, existem diversas masculinidades inseridas em diferentes contextos sociais, culturais, econômicos, políticos (NASCIMENTO, 2018). É por esse sentido, que neste trabalho grafamos masculinidadeS, no plural. A seguir apresento a narração de uma cena, que nos ajudará articular o que foi dito até aqui.

Luana e eu chegamos ao Salesianos por volta das 14h10 da tarde. Fomos direto até a sala de jogos, todos já estavam por lá – tanto os jovens (Carlos Eduardo, Guilherme, Edivaldo e Yuri) quanto o orientador de atividades de educação física (Luciano). Carlos Eduardo era o jovem que tinha olhos castanhos, cabelo liso e bochechas proeminentes, tinha atitudes bem infantilizadas, jogava sinuca com Gustavo, um garoto negro, aparentando ter mais ou menos 1.63m, estava com várias correntes no pescoço, bermuda preta feita em tassel e blusa verde sem detalhes. Yuri jogava tênis de mesa com Edivaldo, ambos eram bem parecidos no que toca à estrutura física pois eram irmãos gêmeos, aparentavam ter mais ou menos 1.66m, olhos claros e 50 quilos. Nesse dia, Yuri usava

³ Ouça em: <https://www.lettras.mus.br/antonio-barros/928263/>

uma camiseta vermelha com detalhes em azul e branco, seu shorts era branco também. Edivaldo usava uma camiseta branca e um shorts preto que tinha detalhes da marca Nike em azul escuro. Ao fundo tocava diversos tipos de funk consciente, funk-trap e ostentação⁴. Nesse dia, tudo parecia bem normal, já que as quintas-feiras eram bem movimentadas.

Mas uma coisa que estava diferente do normal era que Carlos Eduardo estava o oposto do que aparentava ser nas outras vezes que o encontrei. Diferente de um jovem efusivo e alegre, ele estava com um semblante bravo e muito quieto. Algo não estava bem. Depois de um tempo Yuri não quis mais jogar nenhum dos jogos e Edivaldo ficou decepcionado já que nesse dia ele estava em uma *maré de azar*, perdendo tudo. Como Edivaldo não ganhara nenhuma partida de sinuca e tênis de mesa, queria continuar as atividades na sala de jogos para ver se ganhava algo. Para sua tristeza, o plano seguiu o mesmo. Fechamos os vidros da sala, recolhemos os equipamentos, apagamos as luzes, fechamos a porta e subimos para que os meninos pudessem lanchar. Enquanto os meninos lanchavam, conversavam sobre *fluxo* que tinha na praça Arpoador, no bairro Cidade Nova. Pelo que dava para perceber, eles curtiam muito o “fluxo” que era promovido por lá, mas às vezes, os “PMs” chegam e acabam com tudo. Depois do lanche, fomos até a academia para que os meninos treinassem. Chegando lá, Luciano abriu a porta da academia e logo subiu, automaticamente, aquele cheiro de borracha, por conta do tipo de piso que a academia foi construída. Os meninos começaram a treinar, e Carlos Eduardo era sempre um dos mais empolgados, mas nesse dia, ele já havia ido para seu atendimento individual com sua orientadora, para logo em seguida ir embora. Os meninos nesse dia treinaram membros superiores (braço e peito) com o auxílio de Luciano. Em meio às trocas de aparelho e revezamentos, os jovens falavam de suas expectativas com os treinos semanais, que ocorriam às terças e quintas-feiras. A expectativa em sua maioria era sempre a mesma: *ficar grande*, já que ter um corpo forte vem sendo concebido como referencial de corporeidade masculina (BEIRAS et al., 2007). Após os meninos treinarem, mais ou menos perto das 17h40, eles foram embora. Luciano e eu subimos as escadas para ir para a sala de cima, quando encontramos Roberta e Cristiana (orientadora de medidas socioeducativas que tive pouco contato, era morena, olhos castanhos e cabelo

⁴ O funk possui uma série de subgêneros. O funk trap é a junção do funk com o estilo trap, ou seja, combina estilos do hip-hop e do rap. Por sua vez o funk consciente geralmente conta uma história e passa uma mensagem denunciando o racismo e a criminalização da pobreza, por exemplo. Por fim o funk ostentação é aquele que canta de uma vida rica cercada de luxo e prazer, ou seja, ostentar.

liso) conversando. Nos juntamos a elas. Roberta contava que Carlos Eduardo realmente estava bem bravo e por isso foi embora.

Roberta: Realmente ele tava meio sério, ficou bravo.

Eu: Sim, deu pra perceber que tinha alguma coisa ali.

Roberta: Então, o Edivaldo fez assim pra ele “o baixinho, vem aqui jogar sinuca” ... e ele não gostou muito.

Luciano: Hum... baixinho... ele não curtiu muito não.

(Trecho do Diário de campo)

Como pontua Nolasco (1993) o cotidiano de meninos é bastante permeado por afirmações do tipo “você é medroso, parece mulher” ou “homem não chora”. Para o autor, essas noções são introduzidas pela própria família, posteriormente pelas escolas e demais processos de socialização. Isso faz com que os meninos cresçam com a ideia de que o positivo é ser um homem viril, esperto, astuto, forte, corajoso e conquistador, que é imune às inseguranças, medos e angústias. Junto disso, se cria a necessidade de que homens precisam ter “n” requisitos para serem homens de verdade: ter um bom corpo (em geral alto e com músculos aparentes), ter pênis grande, voz grossa e afastar-se de tudo associado ao feminino. Nesse sentido, Carlos Eduardo ao ter sido chamado de baixinho, se sentiu incomodado, especialmente por Edivaldo, o garoto que o chamou de “baixinho”, ser alto e ter o porte físico do “homem pegador”. Edivaldo era muito diferente de Carlos Eduardo que, além de ser cerca de 10 ou 15 centímetros mais baixo que a maioria dos outros jovens, tem traços e traços faciais de criança. Considerando a lógica que ensina que homem não chora, ao invés disso, o homem fica bravo, Carlos Eduardo cumpriu com o esperado. Fechou a cara, ficou na sua e isolou-se do grupo naquele dia.

A importância desse acontecimento, nos ajuda a observar como as normas que visam regular o sexo e gênero (MOURA, 2018) dispõem de um caráter performativo, podendo assim continuar e repetir aquilo que nomeiam (LOURO, 1997). Logo, gênero é um ato performativo, e segundo Butler:

Nós agimos como se “ser um homem” ou “ser uma mulher” fosse uma realidade interna, ou algo que simplesmente é uma verdade sobre nós, um fato sobre nós. Na verdade, trata-se de um fenômeno que tem sido produzido todo o tempo, e reproduzido todo o tempo. Então, dizer que o gênero é performativo é dizer que ninguém pertence a um gênero desde sempre. Eu sei que é

controverso, mas é esta a minha proposta (BUTLER, 2013, vídeo “Seu comportamento cria seu gênero”)⁵.

Carlos Eduardo, ao ter se deparado com um discurso que o afetava e incomodava (ser chamado de baixinho), procurou em seu repertório de masculinidades performativas, um tipo de masculinidade adequada para utilizar naquele momento. Assim, ao tratar nesse texto de masculinidadeS performativaS de jovens que estão cumprindo medidas socioeducativas estou me referindo ao ato performativo desses jovens no que toca as masculinidades, isso tudo via aos atos, práticas, representações, enunciações linguísticas e gestos. Nesse sentido, o ato de “performar” pode ser entendido como um modo de visibilizar o gênero pelo corpo (GUSMÃO, 2022). A visibilização da masculinidade pelo corpo, é um esforço que outros trabalhos têm se dedicado a fazer, como Junior e Brito (2018) com jovens no ensino médio e Gama (2016) com jovens de classes populares no Recife. Por fim é importante dizer que performance e performatividade são duas dimensões que se entrecruzam, mas são distintas. (SILVA JÚNIOR; BRITO, 2018, p. 4). Assim, para evitar confusões, sigo os passos de Junior e Brito (2018), neste texto, logo utilizarei os termos performances masculinas; masculinidades performativas e performance de masculinidade como sinônimos, para discutir a categoria de “masculinidades”.

⁵ Veja o vídeo em: <https://www.youtube.com/watch?v=9MlqEoCFtPM>. Acessado em dezembro de 2022..



Parte II

Tipos de Masculinidades Performativas: um esforço analítico

Esta parte que se segue nesta monografia é resultado de um esforço analítico para apresentar as masculinidades performativas de jovens que estão cumprindo medidas socioeducativas. Essa tipologia traz, a partir de falas, gestos e atos de meus interlocutores, alguns dos significados e sentidos dessas masculinidades performativas. A primeira masculinidade performativa está ligada a ideais de respeito, independência e “correr pelo certo”. A segunda é a eminente da bravata utilizada para contar e dar substancialidade para acontecimentos cotidianos, como seus feitos e conquistas, principalmente no que toca mulheres e sexo. A terceira se recobre a noções de proteção, respeito e cuidado a pessoas da família, em geral, mulheres. Por fim, a última masculinidade performativa está em torno de signos de violência, virilidade e orgulho. Partindo do pressuposto de que as masculinidades se constroem no momento de atu(*ação*), ou seja, de forma simultânea as masculinidades se criam e recriam a partir de gestos, enunciações linguísticas e atos dos sujeitos (BOTTON, 2022). A proposição de Botton, partindo de uma alegoria sobre a vida cotidiana ser uma peça teatral, é muito importante. Ao situar as masculinidades nessa peça teatral, Botton diz que elas são encenadas, vestidas, despidas e redescobertas em cada ato, incluindo o ato de fala (2022). Ou seja, as masculinidades são performativas, e nesse sentido, cada masculinidade possui suas nuances e sentidos próprios.

A organização tipológica que precede me permitiu olhar para as especificidades de cada uma dessas masculinidades encontradas. Para realizar a análise de cada masculinidade performativa, utilizarei músicas, falas de meus interlocutores e outros recursos.

I. Respeito, humildade e proceder

Era uma tarde bem chuvosa e nublada, cheguei ao Salesianos no horário de sempre, por volta das 14h. Descobri que os ensaios para a mostra cultural que aconteceria no dia onze de novembro de 2022 à noite, começariam naquele dia. Luciano, Joaquim, Marcos e eu fomos para uma sala onde seriam ensaiadas as músicas que iriam cantar na apresentação – ambas eram de autoria dos próprios jovens. A sala era bem pequena e aconchegante, com artes que os meninos produziam e paredes coloridas. Havia toda uma parte de montagem do equipamento que era do próprio Luciano, parte essa muito complicada que requeria certo conhecimento e paciência.

Enquanto o equipamento era montado, Marcos parecia mais ansioso. Marcos tinha 1.55m mais ou menos, tinha cabelo preto e bem liso, era magro, negro e tinha uma voz um pouco mais abafada e baixa. Neste dia, independente do frio, vestia um shorts azul marinho, um chinelo, uma camiseta branca e por cima uma corta-vento vermelha. Marcos ainda cumpria suas medidas socioeducativas. Já Joaquim, também presente, parecia estar mais calmo. Joaquim era alto, tinha mais ou menos 1.68m, com várias tatuagens no braço direito e um piercing na sobrancelha esquerda, era branco, aparentava ter uns 60 quilos e tinha uma voz bem grossa e alta. Nesse dia vestia uma calça com estampa da Nike, um tênis branco e uma camiseta de time de futebol. Joaquim já era egresso do programa de medidas socioeducativas, mas frequentava o local sempre que tinha alguma folga no trabalho, especialmente para conversar com Luciano, pedindo dicas sobre suas músicas e ideias de composições.

Como estávamos a uma semana do segundo turno das eleições presidenciais, esse tópico de discussão surgiu facilmente enquanto o equipamento era montado por Luciano. Com críticas ao governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, Joaquim contava que no dia em que havia ido votar no primeiro turno, tomou um *enquadra* por dois policiais militares. Segundo ele, após passar o Parque da Saúde (um parque aberto com equipamento de

lazer) os PMs que já haviam passado duas vezes por ele e por sua companheira, estavam os esperando numa rua mais isolada e com pouco movimento, onde foram abordados. Esse parque não é na periferia mais afastada da cidade de São Carlos, entretanto também não é no centro da cidade. Contava-nos que a abordagem não foi das mais calmas. Após perguntarem para onde eles estavam indo, começaram as revistas. Muito agressivo, o policial que conduziu a revista *pesava a mão* para cima dele, e ao não achar nada fez o jovem levantar a camiseta para conferir se estava realmente tudo certo. Para mais além, os policiais afirmaram ter confundido ele com outro “ladrão” que andava pelas redondezas.

Joaquim: Como assim outro ladrão, eu não sou ladrão não, tá louco. Justo eu ladrão, acha ow.

Luciano: Nossa Joaquim, sinto muito pelo acontecido.

Eu: Que situação horrível, sinto muito Joaquim. Chega ser inacreditável.

Joaquim: Tava indo vota de boa e isso acontece, vai toma no cu. Por isso que esse cara [Jair Bolsonaro] tem que vazar [da presidência da república]... papo reto

(Trecho do Diário de campo)

Após essa conversa, discutimos um pouco sobre o governo desorganizado que foi o de Jair Bolsonaro, que em meio a uma pandemia perpetuou e propagou uma política de morte, dotada de expropriação de direitos, preconceitos de classe, sexualidade, raça e território(CASTILHO; LEMOS, 2021). Os ensaios começaram e Joaquim foi o primeiro a cantar sua música. Ele já havia chegado preparado, tinha o *beat*⁶ e a letra já estava decorada. A música apresentada por ele é a que está abaixo, disposta com alguns versos destacados, muito importantes para a análise que se segue.

Olha pros que vem de lá

Voz ativa do gueto

Põe o SK pra cantar

Querem breicar meu direito

Grande respeito aos primeiros

Sonhei pra concretizar

⁶ Uma espécie de base musical de fundo que o MC irá cantar sua música.

Levo a resposta no peito
Para revolucionar
Hoje meu som vai tocar aqui caixa
Ganhei espaço e conquistei respeito
Uma pergunta dahora que anima
Cadê a cultura do povo, prefeito?
Nada feito
Não é querendo pagar
Mas se for pra contar fica feio, desse jeito
Quer só mente pensante na ideologia formada em direito
Vai ver a favela em primeiro
Sorriso, união dos parceiro
Família nois conta no dedo
Lealdade aos que é verdadeiro
Levando a vida na calma e na risca
Tem quem se arrisca e vi virar exemplo
Corrupção meu bonde não admira
Sujeito homem corre pelo certo
Mas certo
Que quem luta na vida alcança
Parasita dilui com o tempo
O meu foco é ver as criança ‘di menor’ já cheia de argumento
Saudade do tempo de moleque
Mãe dizia vai aprender na rua
Aprendi ouvindo MC Kevin
Sai das drogas que essa rua é escura

No formato apresentado acima, os versos em destaque são os mesmos, que ao ouvir a música pela primeira vez, me chamaram muita atenção e me proporcionaram boas reflexões iniciais. Após Joaquim contar o que havia acontecido quando foi votar, bem como o balanço do governo Bolsonaro, suas críticas e visões de mundo, essa música me extasiou. A letra da música nos faz observar ora os sonhos do sujeito-homem, e ora suas reivindicações como um ator social. Em ambos os papéis sociais, o sujeito-homem corre pelo certo, isso se faz claro. No papel de reivindicador social, vemos que “os que vem de

lá”, também querem seus direitos, esses não são exclusivos apenas para as “mentes pensantes”, como vemos nos versos: “Querem breçar meu direito” e “Quer só mente pensante na ideologia formada em direito”. A favela também tem de estar em primeiro lugar no que toca à promoção de políticas públicas de cultura e lazer, por exemplo. Nesse sentido, Joaquim dizia com outras palavras que a pobreza não pode ser criminalizada. A criminalização da pobreza é um efeito perverso das populações que residem em favelas e territórios de pobreza. Essas ideias podemos ver nos seguintes versos, onde além disso é feita uma espécie de crítica ao atual prefeito de São Carlos: “Vai ver a favela em primeiro” e “Cadê a cultura do povo, prefeito?” Esse reivindicador social já viu pessoas se arriscarem e serem respeitadas pelo sucesso alcançado, já que este sucesso não veio via o *caminho das drogas*, porque essa rua seria uma rua escura e sem segurança.

Já no papel de sonhador, o sujeito-homem aspira um lugar, onde as crianças que são menores de dezoito anos tenham uma boa escolaridade e bons recursos para serem “cheias de argumento”, visando assim que um ciclo se conclua e que a favela esteja em primeiro lugar. Além disso, pessoas *ruins* desapareceriam com o tempo, já quem luta sempre alcança. Essas ideias podemos ver nos seguintes versos: “O meu foco é ver as criança ‘di menor’ já cheia de argumento” e “Parasita dilui com o tempo”. MC Joaquim disse que a música é para ele e para seu “bonde”, ou seja, trata-se de experiências e expectativas reais. São os sonhos, reivindicações e ações de Joaquim que perpassam essa letra; e nesse sentido o sujeito-homem exposto aqui tem uma dupla correspondência.

A categoria do sujeito-homem é muito explorada por Lyra (LYRA, 2013a, 2013c) em seu trabalho com jovens traficantes da Baixada Fluminense no estado do Rio de Janeiro. Para ele, “[...] a vida na favela concentra praticamente todas as referências individuais e coletivas do jovem sujeito-homem” (LYRA, 2013a, p.99). O sujeito-homem seria constituído por ideais de respeito, lealdade e independência. Esse jovem cumpriria com deveres de adultos na comunidade (LYRA, 2013a). Segundo Lyra, é necessário que o sujeito-homem seja “aprovado por seus colegas e patrão, seja querido, temido e respeitado, e que seja inclusive lembrado como uma peça importante da engrenagem” (LYRA, 2013a, p.104). Nesse sentido, a noção de sujeito-homem para os interlocutores de Diogo Lyra está estreitamente ligada à ideia de responsabilidade e *proceder* (BIONDI; MARQUES, 2010; BOLDRIN, 2017). Proceder seria um “conjunto de coisas tidas como “certas” num regime de relação” (BIONDI; MARQUES, 2010). Ou seja, o proceder “significa tanto a posse de determinado estatuto entre os demais quanto um critério em torno do qual se disputa e se delimita o que é o certo” (BOLDRIN, 2017, p.32). Adalton

Marques (2006) afirma que o *proceder* está em várias esferas da vida social: “[...] nas ruas, nos campos de futebol de várzea, nas arquibancadas dos estádios de futebol, nas escolas, nos salões (danceterias), nas pistas de skate [...] nas letras dos rappers [...]”⁷

Para Lyra, o sujeito homem é aquele que têm *proceder* e detém uma subjetividade ligada ao respeito, à lealdade. A noção de sujeito-homem, encontrada por mim, é complementar a de Lyra (no sentido de lealdade, respeito, e independência). Assim, assumo esse sujeito-homem como um tipo de masculinidade performativa e descubro um *plus* nesse esforço: além de correr pelo certo e travar relações de respeito, lealdade e *proceder*, esse sujeito-homem é também uma espécie de sujeito político, que luta contra a criminalização da pobreza e produz consciência em relação a uma espécie de “caminho escuro das drogas”. Assim, a masculinidade performativa do sujeito-homem encontrada neste trabalho possui uma dupla correspondência. Como nos caminhos de Diogo Lyra, esse sujeito-homem dialoga com os signos de respeito, lealdade e *proceder* e por isso é respeitado em sua comunidade, já que este “corre pelo certo”. Por outro lado, esse sujeito-homem também é sonhador e reivindica seus direitos para que seus sonhos possam se concretizar e virar realidade.

⁷ MARQUES, A. “Proceder”: “o certo pelo certo” no mundo prisional. São Paulo. Escola de Sociologia e Política de São Paulo. 2006.

II. Bravatas e contar vantagem

Dentro do Salesianos, percebi que fatos como ter “*uma namorada*”, “*pegar as minas*”, “*passar o réveillon namorando*” e ter “*muié*” são símbolos de *status* entre os jovens, e quem os possui é admirado e respeitado.

Era o primeiro dia de Rafael no programa de medidas socioeducativas. Rafael aparentava ter 1.56m, tinha os olhos castanhos, era preto e usava aparelho. Nesse dia vestia um shorts bem largo e preto, blusa branca que tinha algo estampado que não consegui compreender o que era e chinelo nos pés. No pulso direito tinha uma pulseira na cor vermelha e na orelha esquerda tinha um brinco. Cumprimentou as pessoas de forma bem envergonhada, sem muitos sorrisos ou cordialidade. Luciano apresentou os principais espaços do Salesianos que ele frequentaria, e após isso, junto de Alex, Marcos e Carlos Eduardo, Rafael foi tomar o lanche da tarde. Eu e Luciano fomos até a cozinha pegar o suco e os pães, e quando voltamos me deparei com Manuela, que é outra orientadora de medidas socioeducativas. Manuela era branca, tinha cabelos longos e loiros, olhos castanhos e era muito simpática. Nesse dia estava com uma calça preta, uma camiseta de cores vibrantes como rosa e verde, e nos pés um tênis branco. Manuela logo de início cumprimentou cada um dos jovens e quando chegou no novato disse:

Manuela: Você é o Rafael, né? Eu sou Manuela, sua orientadora.

Rafael: Oi dona, sou eu.

Manuela: Quando acabar o grupo com o Luciano e com o João, dá uma passadinha na minha sala pra gente conversar um pouquinho.

Rafael: Tá bom.

Meninos no geral: Vixi, vixi, moio, já vai ter uma “conversinha” com a dona
[rindo e falando alto].

(Trecho do Diário de campo)

Mesmo com o clima de brincadeira coletiva dos meninos, Rafael sorriu bem pouco e não interagiu muito. Neste dia, ele havia levado um amigo com ele e era com este suas maiores interações e conversas. Muito provavelmente, pode ter sido a vergonha, já que ele estava com várias pessoas que nunca tinha visto na vida. Manuela continuou ali conosco e Luciano precisou ir pra sala de cima resolver um problema pessoal. Manuela conversava comigo, contando como tinham sido suas férias. Quando acabaram de comer, a grande maioria se levantou e jogou os saquinhos plásticos e caixinhas de papelão no lixo. Rafael e seu amigo se levantaram da mesa e deixaram tudo por lá. Logo que viu, Manuela interviu e solicitou que eles jogassem o lixo no lixo, explicando que ali as atividades eram colaborativas, e se cada um jogasse o seu, não *pesaria* para ninguém. Os jovens voltaram e jogaram seus lixos.

Neste momento Luciano também desceu e pediu para que eu fosse com os jovens para sala de jogos enquanto ele iria ao banheiro. Peguei a chave e os chamei: *bora lá meninos... pra sala de jogos*. Fomos descendo e eu fui interagindo com Carlos Eduardo e Alex, até tentei interagir com o novato mas Rafael continuou na mesma, interagindo somente com seu amigo que estava com ele naquele dia. Chegamos à sala de jogos e depois de uns minutos Luciano chegou. Os meninos já estavam jogando sinuca e tênis de mesa, Carlos Eduardo colocou funk para tocar em sua caixa de som. O grupo naquele dia passou muito rápido e já era hora dos meninos irem embora, Rafael subiu com Luciano para seu atendimento individual, eu peguei minha bolsa e já fui embora também. O amigo de Rafael ficou esperando-o sair de seu atendimento individual, já que nesse momento eles não poderiam estar juntos.

Depois de algumas semanas, Rafael parecia estar se ambientando e se acostumando com sua rotina e afazeres no Programa. Cheguei ao Salesianos em outro dia que estava super ensolarado e quente; entrei e fui logo cumprimentando o pessoal e subindo as escadas para ir até a sala onde fica a maioria dos orientadores e educadores das medidas socioeducativas. Nesse dia, o “grupo”, como chamam as atividades coletivas, só começaria às 16h, então eu teria duas horas para ficar ali com o pessoal. Já chegava perto das 16h e o telefone começava a tocar avisando cada um dos jovens que estavam chegando. Como a maioria já havia chegado, Luciano e eu descemos e fomos cumprimentando cada um deles. Eles se sentaram e em seguida já fomos pegar os lanches para que eles comessem antes de ir para a sala de jogos. Andréia, uma das pessoas que trabalha no Salesianos, já conferia os cartões de passe e ia fazendo as trocas: pegando os

que estavam com os meninos e entregando os recarregados⁸. Eu e Luciano sentamos na mesa junto de Rafael, Bruno e Carlos Eduardo que comiam e conversavam. Rafael que estava perto do Luciano, começou a contar que estava namorando com uma garota.

Rafael: [Mostrando a garota no celular para Luciano] *Olha Luciano, tô namorando essa mina aqui.*

Luciano: [Piscando discretamente para mim] *Nossa que bonita, né? Olha só João, a menina que o Rafael está namorando.*

Luciano: *E onde você conheceu ela?*

Rafael: *Eu conheci ela ali na “Praça da qualidade...” perto do Jardim Nova vida. Tava fumando e ela colou lá.*

Luciano: *Sim, e ela também fumou?*

Rafael: *Não, ela não fuma. O pai dela é muito bravo, tá loco?*

Luciano: *E vocês conversam pelo WhatsApp? Onde ela mora?*

Rafael: *Sim, a gente se fala, mas ela não tem foto no WhatsApp...*

Rafael: [Sorrindo e falando alto] *Ela é mó riquinha, o pai dela não gosta que ela saia com os “maloka”, mais né, é dos malokas que elas gostam. Ela mora lá no Parque das Astromélias e estuda no Colégio Nova Visão.*

Luciano: *Entendi! Nossa muito bonita, ela parece ser gente boa.*

(Trecho do Diário de campo)

Eu estava imaginando que essa garota poderia ser um perfil *fake* que estivesse conversando com Rafael pelo WhatsApp. O fato da pessoa não ter foto me deixava intrigado. Por mais intrigado que eu estivesse, eu seguia acreditando nas palavras do garoto, que me parecia sincero. Entretanto, enquanto a conversa ainda acontecia, Luciano tirou o celular do bolso e me mandou uma mensagem: “João, é minha sobrinha. Tudo mentira dele”. Quando vi a mensagem de Luciano, automaticamente fiquei sem reação. A força com que Rafael contava do seu namoro, me deixava ainda mais sem reações. De qualquer forma, de modo algum eu questioneei ou hesitei em sair da conversa, ou seja, por mais que estava em uma *saia justa*, tive que ter *jogo de cintura* (BONETTI; FLEISCHER, 2007). Quando Rafael terminou de nos contar, fomos nos arrumando para descer até a

⁸ Passe é a forma corriqueira que os jovens usam para se referir ao Bilhete único comum. É um tipo de bilhetagem eletrônica, assim, são vários cartões que são recarregados com determinada quantidade de passagens para que os jovens utilizem durante a semana.

sala de jogos. Os jovens foram andando na frente, eu e Luciano um pouco para trás. Nesse momento, Luciano disse que aquilo já havia acontecido outras vezes, mas com outro jovem. Me explicou que incentivou Rafael a contar para ver até onde iria com sua história, além disso, me falou que a sobrinha dele estudava em outra escola, diferente da que Rafael havia comentado. Por fim, me disse também que a garota mora em um bairro diferente do que ele havia dito e que não possui um pai bravo que não gosta que ela ande com *malokas*.

Nolasco (1993) nos diz que “ser masculino” configura para o indivíduo um conjunto de identificações e comportamentos, um campo de representações comprometido com o mundo empírico. O agir e o fazer põem os homens frente às suas próprias questões de como se portar, bem como, coloca-os frente à legitimidade de seus comportamentos e atos. Esse tipo de masculinidade performativa (que trava acontecimentos e relações através da bravata), por exemplo, vai ao encontro do que Harvey e Ringrose (2015) argumentam no sentido que jovens adolescentes performam masculinidades de diversas formas em suas interações na Internet (mais intensas nesse caso virtual) e também fora dela. Esse tipo de masculinidade performativa se usa da bravata para contar os acontecimentos do seu dia a dia, bem como seus feitos e conquistas, principalmente no que toca sexo e mulheres.

Ou seja, se houve alguns exageros ou coisas que pareciam irreais, como apontou Luciano, isso indicou-me sinal de bravata. Fiquei pensando na situação e me lembrei quando Carlos Eduardo começou a namorar. Produto de seu namoro, com seus colegas no Programa de Medidas Socioeducativas foi ser “aplaudido”, estes também “encheram sua bola”, e acabaram por confirmar que existem os estereótipos forjados através dos discursos do que é ser “homem de verdade no que toca pegar as minas” (GROSSI, 1995, p. 9). Me parece que Rafael, como novato que era, quis ter um pouco desse cerimonial de respeito e ser ovacionado pelos colegas já que estava “namorando”. O que Rafael não contava, era que sua história acabaria mesmo antes de começar. Se valendo de fatos como o “pai bravo” que não admitia a garota sair com meninos de seu tipo, e até mesmo sua companheira não ter foto de WhatsApp, tentou suavizar a história e dar mais substancialidade para o fato.

III. Família, responsabilidade e gratidão

A virilidade sexual e a laborativa segundo Zanello (2020) seriam dois atributos que os homens utilizam para se afirmarem enquanto homens. Assim o homem seria aquele que ora era o provedor e o trabalhador e ora apresentaria uma boa performance sexual. No Salesianos, percebi que o homem provedor zela por sua família, especialmente as mulheres – mães, avós, irmãs e namoradas/esposas – e filhos. O pai, quando está presente na vida do jovem, aparece como mais permissivo: deixa chegar em casa mais tarde, dá conselhos e incentiva sair com as *minas*, geralmente, tudo o que a mãe vai contra e proíbe o pai permite. Entretanto, a figura da mãe é muito mais importante que a do pai e irmãos, pois é para ela que a maioria dos gestos de cuidado e proteção são assegurados. Percebi no Salesianos que é comum os jovens se referirem às suas mães como *rainhas*. Durante esses oito meses de pesquisa, observei que muitas das músicas que os meninos ouviam ao longo das atividades no Programa falavam do papel da mãe e de tudo que ela merece. Uma delas é a música Prometo mãe de MC Huguinho.

Oh mãe prometo te dar uma fazenda da hora
Sei que não fui orgulho quando eu fugi da escola
Mas acredito em Deus vou trazer bons frutos a senhora
Eu sei que ele vai nos dar a nossa vitória

Mulher guerreira sempre lutou por nós
Não importava a barreira
Chegava em casa cansada, pois trabalhava a manhã inteira
Mas fica feliz por ter lotado a geladeira
Nunca deixou faltar o sustento e o pão na mesa

Desculpa mãe se já fiz a senhora chorar
É que nunca tive um pai para poder me alertar
Sobre o caminho lá fora tentar me explicar
Que caminho devo seguir pra não me machucar

“Prometo mãe”, 2017, Mc. Huguinho⁹

A música de MC Huguinho, retrata a imagem de uma mulher guerreira que sempre lutou pelos seus filhos, trabalhando a manhã toda para “encher a geladeira” e garantir o sustento da família. Na música, MC Huguinho promete lhe dar “bons frutos” e pede perdão para sua mãe por todas as vezes em que fez ela chorar, por exemplo, “quando fugiu da escola”. Ouvi essa música várias vezes enquanto estávamos na sala de jogos e ela convergia com várias falas dos jovens sobre a responsabilidade de ser provedor.

Carlos Eduardo, vê na figura materna uma *rainha*, e na figura paterna um homem que pode extrapolar e anular as regras impostas pela mãe. Em uma terça-feira, Carlos Eduardo disse que precisaria ir embora mais cedo, antes do horário de costume (17h). Nos contava que naquele dia, após ir embora do Salesianos, chegaria em casa e ajudaria sua mãe lavando a louça que estava na pia e arrumando toda a cozinha. Além disso, iria até passar uma *vassourinha* na casa. Ele dizia que sua mãe era *firmeza demais* e que sempre que podia a ajudava nas funções da casa. Nesse dia ele também aproveitaria para pedir que ela o deixasse ir ao baile que teria na praça Linhares, localizada no bairro Cidade Nova. Caso a mãe negasse, Carlos Eduardo pediria ao pai, já que este era *parça*. Se o pai concordasse, não haveria problemas com a mãe, *meu pai fala com ela e tá tudo tranquilo*.

A mãe de Carlos Eduardo não gostava que ele fosse aos fluxos que aconteciam no Cidade Nova, já que ela achava muito perigoso para um garoto da idade dele estar por lá. Os fluxos de lá geralmente terminavam com a PM, tinha violência e ele era muito novo para isso. O fato do jovem ter dito que ajudaria sua mãe nos serviços da casa e depois lhe faria um pedido, inicialmente, me pareceu puro interesse. Mas, ao longo da conversa, Carlos Eduardo também nos contou que seu pai não ajudava sua mãe com os serviços da casa, só trabalhava *para fora*. Nesse sentido, consegui perceber que sua estrutura familiar era puramente tradicional, com o pai como provedor e a mãe como responsável das tarefas

⁹ Ouça em: <https://www.lettras.mus.br/mc-huguinho/prometo-mae/>

domésticas e afazeres com os filhos. De um lado, poderia haver o interesse de Carlos Eduardo para que a mãe o deixasse ir para o *fluxo*, mas de outro, ele também percebia que a mãe precisava de ajuda com os afazeres domésticos e por isso colaborava com sua *rainha*.

De uma ótica parecida, temos o caso de Samuel. Este era um jovem que tinha aproximadamente 1.78m, era branco, tinha olhos claros e cabelo loiro. Sempre estava de shorts, chinelo e camiseta; seus braços e mãos eram cheios de tatuagens. Samuel tinha tatuado pelos seus braços diversos símbolos ligados ao culto de Exu como tridentes e pontos riscados – representações gráficas que guardam a essência de Exu, em religiões como Umbanda e Candomblé. Exu é o orixá da boa comunicação, tido como princípio das soluções, é aquele que cria o problema e dá possibilidades para resolução deste. Além disso, suas tatuagens também tinham símbolos ligados ao culto do orixá Ogun, como a grafia da palavra “Ogunhê”, saudação atribuída a esse orixá aqui no Brasil. Ogun, é o orixá dos caminhos (em sentido literal, de caminhar e andar), detentor da tecnologia e inovações, é o guerreiro dos Orixás.

Observando Samuel percebi que ele dialogava muito com esses símbolos de responsabilidade e proteção da família e principalmente de sua “coroa”, como ele se referia à sua mãe. Estava um céu nublado, os meninos chegaram e logo subiram para sala de artes junto de Luciano. Eu e Manuela já estávamos lá esperando por eles. Nesse dia, eles continuariam a trabalhar na PSC dos campinhos de futebol¹⁰ de São Carlos. Nos dias de PSC, como passávamos muitas horas dentro da Sala de Artes, os meninos falavam bastante de suas vidas pessoais e de suas experiências. Nesse dia Samuel nos contou que o dinheiro que ele conseguia no *corre* trabalhando no tráfico, era um dinheiro “amaldiçoado”, ele utilizava desse dinheiro, mas *o dinheiro não é de coisa boa*. De todo modo, o dinheiro ajudava ele e a *coroa* dele, já que ele conseguia ajudar com algumas despesas da casa. Sua maior vontade era conseguir um *trampo bom* para continuar ajudando em casa, dando uma ajuda maior e melhor para sua mãe. Além disso, a vontade de arrumar um *trampo bom*, era provinda de poder sair, curtir e *mimar sua mina*.

Pude acompanhar a trajetória de Samuel de perto durante o trabalho de campo. A narrativa de Samuel nos ajuda a compreender um pouco sobre esse papel de provedor e

¹⁰ Essa PSC visitou vários campos de futebol localizados na cidade de São Carlos. Os meninos iam até os campos, tiravam fotos e faziam um balanço de tudo que era ofertado no lugar, como: gramado de boa qualidade, banheiros, bebedouro e vestiários. No fim, após visitar vários campos, os meninos elaboraram um cartaz, que trazia os cinco melhores campinhos de futebol da cidade.

protetor vinculado à figura masculina. Para ele, o dinheiro do corre era *amaldiçoado*, mas ajudava nas diversas atividades de seu dia a dia, principalmente, ajudar sua mãe. Para conseguir um *bom trampo*, Samuel pensava em fazer um curso para *ser alguém na vida*. Essa seria uma solução para obter um dinheiro que não fosse amaldiçoado e continuar fazendo suas funções.

Tanto Samuel quanto Carlos Eduardo usavam palavras como “*rainha*” e “*coroa*” para se referirem a suas mães de forma carinhosa e respeitosa. A masculinidade performativa neste caso está ligada à essa ideia de proteção e cuidado de familiares, em especial suas mães. No caso de Samuel, a proteção refere-se mais aos recursos financeiros que proporcionariam uma vida melhor. No caso de Carlos Eduardo, a proteção estaria ligada à ajuda doméstica para sua mãe que estaria sobrecarregada com todo trabalho da casa.

IV. Violência, virilidade e orgulho

Segundo Alba Zaluar (2000, 2009) sob a luz do conflito armado, os jovens envolvidos em atividades criminais desenvolveriam um estilo de masculinidade, a “masculinidade exibicionista”. Zilli (2015) mostra que Alba Zaluar apontou para o surgimento de uma estrutura simbólica e normativa acoplada à violência entre grupos de jovens envolvidos com narcotráfico nas favelas do Rio de Janeiro. Ao elucidar os passos metodológicos de seu trabalho etnográfico, Zaluar mostra a raiz dos envolvimento de jovens com a criminalidade e afirma que esse envolvimento parte, sobretudo, de um *ethos guerreiro*.

[...] os entrevistados referiram-se sempre a uma fase crucial da vida, que começa em torno dos 14 anos de idade, como um marco no envolvimento com a criminalidade. Este tema era desenvolvido de várias maneiras, todas elas relacionadas a um *ethos* da masculinidade [...] (ZALUAR, 2000, p. 76).

Nesse processo, os jovens são colocados frente a uma gama de valores ligados à violência, constituindo um *ethos guerreiro*. As demonstrações de virilidade, honra, autonomia e força seriam fundamentais para demarcar esse *ethos guerreiro*. Assim, símbolos como a arma de fogo e a disposição para ser “violento” seriam produtos provindos desse *ethos*. Em sentido parecido, Melissa Pimenta (2014) se valendo de dados de uma pesquisa realizada pelo Fórum de Segurança Pública com jovens envolvidos com violência e criminalidade entre 2009 e 2010, mostra os conflitos nas práticas de reivindicação de espaços, territórios e identidades, pautadas nas masculinidades. Segundo ela, esses jovens negociariam novas identidades sociais pautadas na afirmação da masculinidade pelo uso da violência.

A narrativa de Fábio Mallart (2011), em certo sentido, mostra um pouco dessa masculinidade tida como violenta, “fria” e guerreira. Partindo do cotidiano de jovens da Fundação CASA, o autor mostra que autonomia, hierarquia e uso de violência são tidos como instrumentos de demonstração de poder. Além disso, esses instrumentos são centrais no ambiente de internação desses jovens. Logo, demonstrar frieza, não ficar de

risadinha e ser respeitado a todo momento, por exemplo, se faz essencial – como vemos na passagem que se segue.

Durante as sessões fotográficas, os adolescentes, ao mesmo tempo que vestem roupas de marca, aplicam gel no cabelo e penduram as correntes de prata, quando tais objetos encontram-se disponíveis, evitam os sorrisos que, do ponto de vista de meus interlocutores, vale notar, demonstram sinal de fraqueza. (MALLART, 2011, p. 21).

Após os jovens finalizarem a PSC dos campinhos de futebol da cidade de São Carlos, o objetivo era divulgar o trabalho que eles fizeram para as pessoas da nossa cidade, em especial, aos jovens que poderiam visitar e usufruir desses lugares e espaços de lazer. No dia que havíamos marcado para irmos colar os cartazes estava muito sol e a maioria optou por não ir, por mais que o compromisso já estivesse marcado: “*mó sol forte Manuela; to de chinelo*”(Samuel); “*nossa Luciano se nois for hoje lá, nem vamo pra academia né? já vai fazer exercício andando nesse sol todo*” (Alex). Após uma conversa, decidiu-se que iríamos na terça-feira da semana seguinte colar os cartazes.

Na semana seguinte nos encontramos no Salesianos como combinado. O caminho durou mais ou menos 1h30, totalizando uns 3 quilômetros de caminhada. Ao longo do caminho conversávamos e íamos realizando as paradas nos pontos previamente definidos para colagem dos cartazes. Chegamos na rua de trás de um dos lugares onde colaríamos alguns cartazes, e subimos uma outra rua para que pudéssemos ir até o portão principal do local. Em um certo ponto do trajeto, entramos em uma rua cheia de pequenas árvores e algumas delas tinham em suas bases dolomitas Brancas (pedra que cobre a terra de determinada planta ou árvore para ajudar a reter a umidade e proteger a raiz). Ao passar por uma das árvores, Carlos Eduardo pegou algumas dessas pedras e começou a arremessá-las em seus colegas, como uma brincadeira. Inicialmente, as reações foram bem diferentes. Samuel olhou automaticamente para mim, Manuela e Luciano, os responsáveis, e disse “*Olha que mano sem noção*”. Alex, abaixou rapidamente, pegou uma pedra e arremessou em Carlos Eduardo, dizendo “*Tá louco, cara?*”. Carlos Eduardo respondeu “*Cala boca Alex*”. Manuela, a orientadora, interviu e disse “*Vamos parar, Carlos Eduardo, com isso não se brinca. Alguém pode se machucar*”.

Entramos no primeiro local definido para colarmos os cartazes, fomos até a secretaria pedir permissão para expor o cartaz, e perguntar em qual dos murais poderíamos colocar. A pessoa que nos atendeu foi muito simpática e disse que nós poderíamos escolher qualquer mural. Devido à grande movimentação que havia na parte da frente desse local, optamos pelo primeiro mural. Colamos o cartaz, e já atravessamos

a rua para ir ao próximo destino, uma escola estadual logo em frente. Entramos na escola e as coisas foram bem mais burocráticas. A pessoa que estava na secretaria perguntou sobre o que era o cartaz. Manuela calmamente explicou que o cartaz era parte dos resultados de uma PSC que realizou uma análise sobre os campinhos de futebol da cidade. A secretária não me pareceu muito solícita, entretanto, foi falar com a diretora da escola para saber se poderíamos colocar o cartaz no mural da escola, que ficava no corredor interno, onde todos os alunos e pais teriam acesso. Após mais ou menos vinte minutos, a diretora veio até nós e autorizou a colagem do cartaz, mas, nós não poderíamos entrar na escola para colar, quem colaria seriam os funcionários de lá. Manuela pediu para que ela e um dos jovens pudessem entrar e colar, pois aquele momento deveria ser fotografado e colocado no relatório dos jovens. Finalmente a diretora da escola permitiu a entrada de duas pessoas desde que não ficassem por muito tempo no corredor. Manuela e Carlos Eduardo foram as duas pessoas que entraram para colocar o cartaz.

Ao sairmos da escola, partimos para o último local, outra escola estadual. Precisaríamos caminhar um pouco mais desta vez e o sol estava forte. Alex, Carlos Eduardo e Samuel começaram a reclamar, mas seguimos firmes com o combinado e fomos até a última escola. O caminho até lá foi muito conturbado. Um pouco depois que saímos da primeira escola, Carlos Eduardo voltou a atirar coisas que achava na rua em seus colegas, dessa vez eram cacos de tijolo perto de uma construção. O jovem atirou primeiramente em Alex que revidou, e isso virou uma espécie de “guerrinha”. Perto de onde isso acontecia havia um carro branco e conforme Carlos Eduardo foi jogar um dos cacos em Samuel, que não revidou, quase acertou o carro. Nesse momento Manuela e Luciano chamaram a atenção de Carlos Eduardo e Alex.

Manuela: Carlos Eduardo e Alex, eu já não pedi para parar? Que parte vocês não entenderam? Gente, vocês parecem crianças de quatro anos. Querem chamar a atenção de quem?

A gente tá aqui, terminando a PSC de vocês, e aí? Cadê o comprometimento?

Luciano: Galera, que isso? Eu e a Manuela tá aqui, com a blusa do “Salê”, o João tá com a blusa da UFSCar ... e vocês tão fazendo a gente passar vergonha? Pode parar vai.

Manuela: A próxima vez que você, Carlos Eduardo, começar a jogar qualquer coisa nos outros nós vamos conversar sério.

(Trecho do Diário de campo)

Por um curto período de tempo, os três caminharam em silêncio, principalmente Carlos Eduardo e Alex. Samuel conversava – muito pouco – com Luciano sobre exercícios de academia. Eu conversava com Manuela sobre como cuidar de crianças pequenas era trabalhoso e demandava períodos de tempo integral. Ao passarmos na frente de uma escola infantil, outro incidente aconteceu. Algumas crianças estavam brincando na quadra e quando atravessamos para a calçada da escola, Carlos Eduardo gritou: “*E aí criançada*”. Nesse momento, as crianças começaram a xingar ele: “*vai tomar no cu ow*”; “*se liga, cala sua boca*”; “*vagabundo do caralho*”. Imediatamente, Carlos Eduardo falou para nós: *ai dona, e você fica falando de mim, fala delas [as crianças] também*. Logo em seguida Carlos Eduardo começou a retribuir os xingamentos à altura: “*Vai tomar no cu vocês ... porra*”; “*Seus troxa*”. Imediatamente, Manuela começou a chamar a atenção de Carlos Eduardo, dizendo que ele estava se portando como crianças, como aquelas da escola. Mesmo Carlos Eduardo tendo parado de xingar, as crianças continuaram enquanto passávamos por toda a frente da quadra da escola. Manuela ainda conversava com Carlos Eduardo, solicitando novamente que ele parasse com certas atitudes como xingar gente estranha e jogar pedras nos colegas. Nesse momento Alex começou a retribuir os xingamentos das crianças que continuaram, e nesse sentido, entrou na conversa de Manuela e Carlos Eduardo, já que esse teve atitudes que estavam sendo represadas por Manuela.

Nesse sentido, pensando no *ethos guerreiro* arrisco falar, que aqui, cria-se um *ethos viril*, pautado tanto na violência (arremessar objetos, guerrinhas) quanto na palavra (xingar, gritar). Este *ethos* também opera na esteira da honra, autonomia e força. A masculinidade performativa neste caso seria essa espécie de *ethos viril*, que assim como o *ethos guerreiro* da luz a uma complexa rede de representações e significações em muitos dos episódios da vida cotidiana desses jovens. Essas representações são evocadas a qualquer momento, não importando a hora e o lugar em que se está, por exemplo, mesmo vendo que Manuela estava repreendendo Carlos Eduardo, Alex começou a revidar os xingamentos das crianças.



Conclusões

Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter

“Super homem (A canção)”, 2015, Gilberto Gil.

Assim como percebi uma pluralidade de MasculinidadeS PerformativaS, esses jovens não são todos iguais, cada um possui uma trajetória e uma trajetória tem muitas fases e facetas. Durante minhas visitas ao Salesianos percebi que nada é estanque. Aqui reside o esforço de compreender a juventude em sua chave de análise positiva (DAYREEL, 2007; MALLART, 2011; MEDAN, 2014; MOTTA, 2017) deixando de lado uma explicação pela falta, seja ela financeira, de visões de mundo, de perspectiva, de experiência. E o que fica de tudo isso no que toca esses jovens e às masculinidades? Seguindo os passos de Gama (2016), afirmo que as masculinidades são como várias fotos que podemos organizá-las e reorganizá-las em um álbum, de acordo com as dinâmicas sociais e culturais de determinado local e de seus indivíduos. Sempre cabe mais um tipo, sendo muito diferente ou muito igual comparada às já identificadas no álbum. Os modelos de masculinidades estão sempre se reinventando e com essas trocas que realizei com os jovens, testemunhei infinitas possibilidades de como performá-las e em que momento se valer de cada uma delas. Logo, tratei de um fenômeno constante que é produzido e reproduzido no cotidiano desses jovens que me deram a oportunidade de conhecê-los. Na chave interpretativa de Belusso (2021) tentei ao máximo mostrar as particularidades dos processos das masculinidades performativas, já que cada um dos jovens estava em um momento específico de seu percurso. Nas chaves de respeito e humildade, a masculinidade performativa do sujeito-homem, teria aqui, uma dupla correspondência, se mesclando ora como um sujeito-homem que corre pelo certo e têm proceder, ora como um sujeito-homem que é sonhador e reivindica por seus direitos enquanto ator político. De outro módulo, vimos em outro caso que a relação entre *namoradas x sexo x jovens*, foi mediada pela bravata, porque pegar as mina, passar o réveillon namorando e ter uma muié são símbolos de status entre os jovens, e quem os possui é admirado e respeitado. Prosseguindo, os valores de responsabilidade e gratidão foram úteis para compreender uma masculinidade performativa que estaria ligada ao cuidado de familiares, em especial suas rainhas e coroas. Por fim observamos uma masculinidade performativa atrelada a ideia do ethos guerreiro, ou até mesmo – como proposto – do ethos viril, ligado à ideia de virilidade pautada por uma representação do jovem enquanto um “alfa” e “violento”, por exemplo. Espero, nesse sentido, ter mostrado que não existe uma masculinidade, uma história e uma imagem igual a todos os jovens engajados em atividades criminais.

Neste trabalho, dei a possibilidade de uma multiplicidade de masculinidades performativas que existem e que encontrei com os jovens que cumprem medidas socioeducativas no. Quando esses jovens não são pluralizados em suas realidades e trajetórias, acabam por implodir imagens homogeneizantes e estigmatizantes sobre os mesmos, em sua maioria jovens negros, Salesianos pobres e envolvidos em atividades criminais. Exemplo disso,

podem ser as mortes de jovens envolvidos que ocorreram entre os dias 12/10/22 e 17/10/2022 na cidade de São Carlos (SP). Um total de sete mortes – por letalidade policial – aconteceram nesse período de tempo. É como se um jovem fosse morto por dia. Nesse sentido, ao não pluralizar a realidade desses jovens, criam-se brechas para discursos como os abaixo, retirados de posts do facebook em notícias¹¹ das mortes dos jovens ocorridas em outubro do ano passado.

A: *“Ok CPF cancelado com sucesso”*

B: *“Que bom né, menos 4 assaltando e roubando pessoas que trabalham, famílias inocentes. Isso tinha que virar rotina”*

C: *“Bandido bom e bandido morto cadeia nao resolve trabalhar ninguem que”*

D: *“Belo trabalho desses policia, deveriam ser recompensados”*

E: *“Eu tenho dó do policial, o pai de família que foi baleado. E claro, dó das famílias daqueles que escolheram o caminho errado sabendo do final que teriam. À POLÍCIA MILITAR, meus parabéns! Vocês cumpriram o papel de vocês que é defender a sociedade daqueles que não seguem as leis, continuem exercendo a função de vocês com maestria e sem baixar a cabeça pra ninguém. Vocês são cidadãos honrados!”*

F: *“Já vai mais do que tarde”*

Desde o “CPF cancelado com sucesso” até a “dó do PM pai de família” vemos o alto grau de violência por parte das pessoas que proferiram discursos desse tipo em suas redes sociais. Violência aqui vista “como o uso da força, ou a ameaça de usá-la” (FELTRAN, 2008a, p. 15). Ou seja, é como se esses jovens não possuíssem trajetórias e histórias de vida únicas, seriam todos iguais: bandidos que não querem trabalhar, já que se estivessem trabalhando não morreriam. Judith Butler, nos convida a entender sobre alguns corpos que parecem estar mais propensos à morte do que outros corpos. Segundo Butler (2018):

El deseo de matar a alguien, o el hecho de hacerlo, por no ajustarse a las normas de género por las cuales una persona se ‘supone’ que vive sugiere que la vida misma requiere una serie de normas bajo las que ampararse, y que estar fuera de ellas, o vivir fuera de ellas, equivale a 5 cortejar a la muerte. (BUTLER, 2019b, p. 59)

Ou seja, os corpos que importam são considerados humanos, são aqueles que seguem as normas sociais impostas, e têm legitimidade social. Os corpos que não importam são os abjetos, mais suscetíveis a punições, violências e à morte. Podemos dizer que existe um discurso

¹¹ Veja as notícias em : I) <https://www.saocarlosagora.com.br/policia/dig-tenta-localizar-e-prender-acusado-de-matar-dois-e-ferir-outros/144127/>; II) <https://www.saocarlosagora.com.br/policia/quatro-criminosos-sao-mortos-em-confronto-com-a-pm-em-sao-carlos/151992/>.

que inferioriza certos corpos (CEZAR, 2020) dando-lhes o status de corpos que não importam, que possuem vidas inviáveis. Donna Haraway (2009) questiona: *Why should our bodies end at the skin, or include at best other beings encapsulated by skin?* E assim como Donna Haraway, termino essa monografia com as mesmas inquietações e reflexões: qual o motivo de nossos corpos terminarem na pele? Os corpos desses jovens são importantes? Quando podemos dizer então, que um corpo é considerado importante?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 05–06, p. 25–36, 1997.
- AQUINO, J.; HIRATA, D. Inserções etnográficas ao universo do crime: algumas considerações sobre pesquisas realizadas no Brasil entre 2000 e 2017. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, v. 84, p. 107–147, 2018.
- BAIRD, A. Convertirse en El Más Malo: trayectorias masculinas de violencia en las pandillas de Medellín. **Estudios Socio-Jurídicos**, v. 20, n. 2, p. 9–48, 2018.
- BEIRAS, A. et al. Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma. **Psicologia e Sociedade**, v. 19, n. 3, 2007.
- BELUSSO, O. A. O envolvimento de adolescentes com o “Mundo do crime” e o processo de construção social das masculinidades. . 2021.
- BIONDI, K. Junto e Misturado: Imanência e Transcendência No PCC. **Dissertação (Mestrado) – Antropologia Social, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos**, p. 198, 2009.
- BIONDI, K.; MARQUES, A. Memória e historicidade em dois "comandos " prisionais. **Lua Nova**, v. 1, n. 79, p. 39–70, 2010.
- BOLDRIN, G. R. Desejo e Separação monas , gays e envolvidos num presídio em São Paulo. **Dissertação (Mestrado) – Antropologia Social, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos**, 2017.
- BONETTI, A.; FLEISCHER, S. **Entre Saias Justas e Jogos de Cintura**. Santa Cruz do Sul: Editora Edunisc, 2007.
- BOTTON, F. B. Critical considerations about the theories of Raewyn Connell and Judith Butler for the study of masculinities. **Revista Crítica Histórica**, v. 11, n. 22, p. 01–27, 2022.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.
- BUTLER, J. Atos Performativos e constituição de gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Journal of Chemical Information and Modeling**, v. 53, n. 9, p. 1689–1699, 2019a.
- BUTLER, J. **Corpos que importam**. São Paulo: n-1 edições, 2019b.
- CASTILHO, D. R.; LEMOS, E. L. DE S. Necropolítica e governo Jair Bolsonaro: repercussões na seguridade social brasileira. **Revista Katálysis**, v. 24, n. 2, p. 269–279, 2021.
- CEZAR, J. M. O “anormal” de Foucault e os “corpos que (não) importam” de Butler: um debate a respeito das violências cometidas contra os sujeitos que estão fora das normas. **Anais Eletrônicos do XXV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP**, p. 3–11, 2020.
- CORROCHANO, M. C.; SOUZA, R.; ABRAMO, H. Jovens Ativistas Das Periferias: experiências e aspirações sobre o mundo do trabalho. **Revista Trabalho Necessário**, v. 17, n. 33, p. 162, 2019.
- CRESTO, L. J.; SANTOS, M. R. DOS. Entre Ferramentas e Presentes: uma reflexão sobre as masculinidades no blog de decoração Homens Da Casa. **Anais Eletrônicos do Seminário**

Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, p. 1–12, 2017.

DA MATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues. **Boletim do Museu Nacional**, v. 27, 1978.

DAYREEL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1105–1128, 2007.

DIAS, C. Por dentro (e de dentro) do Comando: O PCC segundo o ‘nativo’. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 3, n. 8, p. 159–172, 2010.

FELTRAN, G. Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo. **Tese (Doutorado) – Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas**, 2008a.

FELTRAN, G. O legítimo em disputa: As fronteiras do “mundo do crime” nas periferias de São Paulo. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 1, n. 1, p. 93–126, 2008b.

GAMA, J. F. DE A. “NÉ HOMEM NÃO ?” – RETRATOS DAS MASCULINIDADES : entre as singularidades e a hegemonia. **Dissertação (Mestrado) – Psicologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco**, 2016.

GEERTZ, C. **Obras e Vidas: O antropólogo como autor**. Rio de Janeiro Editora UFRJ, , 2009.

GOMES, E. DE C.; MENEZES, R. A. Etnografias possíveis: “estar” ou “ser” de dentro. **Ponto Urbe**, n. 3, p. 0–24, 2008.

GROPPO, L. A. **Juventudes: sociologia, cultura e movimentos**. Alfenas: Universidade Federal de Alfenas, 2016.

GROSSI, M. P. Masculinidades : Uma Revisão Teórica. **Antropologia em Primeira Mão**, v. 22, n. 1, 1995.

GUSMÃO, R. **Entre a performance e a performatividade**. Bahia: [s.n.]. v. 8

HARAWAY, D. J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e no final do século XX. **Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano.**, p. 35–118, 2009.

HARVEY, L.; RINGROSE, J. Children, sexuality and sexualization. **PROOF**, v. 22, p. 352–367, 2015.

HIRATA, D.; GRILLO, C. C. Crime, Guerra e Paz: Dissenso político-cognitivo em tempos de extermínio. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 38, n. 3, p. 553–571, 2019.

JUNIOR, D. R. C.; BRITO, L. T. DE. “Vocês conhecem algumx ‘heterossexual flexível’?”: masculinidades performativas em debate. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 20, n. 1, p. 81, 2018.

LEÓN, A. Tem viado no gramado dos campos de futebol? Uma proposta metodológica para analisar diferentes performances masculinas. In MACHADO, C; NUNES, M; SANTIAGO, I (orgs.). **Olhares – gênero, sexualidade e cultura**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LYRA, D. **A república dos meninos**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013a.

- LYRA, D. Conflitos de lealdade e princípios de coesão social entre jovens traficantes do Rio de Janeiro: algumas considerações. In: **Sobre periferias**. [s.l: s.n.]. p. 51–70.
- LYRA, D. Cartografias Afetivas na Cidade: As esferas de pertencimento de jovens traficantes da Baixada Fluminense. **37 Encontro Anual da Anpocs**, n. 37, p. 1–21, 2013c.
- LYRA, J.; MEDRADO, B. Em tempos de masculinidades coloniais em relevo, um intento de prefácio. In: CAETANO, M.; JUNIOR, P. M. DA S. (Eds.). **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022. p. 231.
- MALLART, F. Cadeias dominadas: Dinâmicas de uma instituição em trajetórias de jovens internos. **Dissertação (Mestrado) – Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo**, p. 187, 2011.
- MARGULIS, M.; URRESTI, M. **La juventud es más que una palabra; Error! Marcador no definido**. Buenos Aires, 1996.
- MARQUES, A. Crime, proceder, convívio-seguro: um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões. **Dissertação (Mestrado) – Antropologia Social, Universidade de São Paulo**, 2009.
- MEDAN, M. Distintos mensajes estatales en la regulación de la “juventud en riesgo”. **Astrolabio Nueva Época: Revista digital del Centro de Investigaciones y Estudios sobre Cultura y Sociedad**, v. 0, n. 13, p. 313–343, 2014.
- MOTTA, L. D. Fazer estado, produzir ordem: sobre projetos e práticas na gestão do conflito urbano em favelas cariocas. **Tese (Doutorado) – Sociologia, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos**, p. 260, 2017.
- MOURA, M. A. Organização social do conhecimento e performatividade de gênero: dispositivos, regimes de saber e relações de poder. **Liinc em Revista**, v. 14, n. 2, p. 118–135, 2018.
- NASCIMENTO, A. V. ESTEREÓTIPOS DE MASCULINIDADES NA MÚSICA ‘ HOMEM COM H ’ E SEUS REFLEXOS NA EDUCAÇÃO. **Anais XIII CONAGES**, 2018.
- NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro Roc, , 1993.
- NOVAES, R. POLÍTICAS DE JUVENTUDE NO BRASIL: CONTINUIDADES E RUPTURAS. **Rev. Brasileira Adolescência e Conflitualidade**, p. 253–281, 2006.
- PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude — alguns contributos. **Análise social**, v. XXV, p. 139–165, 1990.
- PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, p. 15–24, 1997.
- PIMENTA, M. DE M. Masculinidades e sociabilidades: compreendendo o envolvimento de jovens com violência e criminalidade. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 7, n. 3, p. 701–730, 2014.
- PRECIADO, P. **O manifesto contrassexual: políticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- SANTOS, J. L. DOS. Silêncio e naturalização na construção das masculinidades na educação básica. **Dissertação (Mestrado) – Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia**, p. 182, 2013.

SCHLITTLER, M. C. No Crime e na Medida: uma etnografia do Programa de Medidas Socioeducativas em meio aberto do Salesianos de São Carlos. **Dissertação (Mestrado) – Sociologia, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita Filho”**, 2011.

SILVA JÚNIOR, P. M. DA; BRITO, L. T. DE. Masculinidades Performativas No Contexto Escolar: Entre Regulações, Tensões E Subversões. **Áskesis - Revista des discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar**, v. 7, n. 1, p. 26–38, 2018.

SILVA JUNIOR, P. M. Homens Do Amanhã: Reflexões Sobre Performances De Masculinidades Na Educação Infantil. **Revista Prâksis**, v. 2, n. 2016, p. 209, 2019.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo: Editora brasiliense, 2000.

ZALUAR, A. AGRESSÃO FÍSICA E GÊNERO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, 2009.

ZANCHIN, C. R. Os diversos olhares na construção das Medidas Socioeducativas no Município de São Carlos/SP. **Dissertação (Mestrado) – Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, 2010.

ZANELLO, V. **Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação**. CuritibaAppris, , 2020.

ZILLI, L. F. O “mundo do crime” e a “lei da favela”: aspectos simbólicos da violência de gangues na região metropolitana de Belo Horizonte. **Etnografica**, v. 19, n. 3, p. 575–603, 2015.